

Uma linda mulher

Do vermelho ao negro

Ercília Macedo-Eckel

O outro é inacessível “não porque seja impenetrável, mas porque é infinito. Cada homem oculta um infinito. Ninguém pode possuir totalmente o outro pela mesma razão que ninguém pode dar-se inteiramente. A entrega total seria a morte. Octávio Paz

I

_A terra tem tido várias convulsões. De repente pode ter vomitado um desses monstros aprisionados durante milênios na tela de meu computador. Mole, viscosa e sem nome, a coisa respingou em meus óculos e foi escorrendo para meu colo anatômico de pseudo-nerd. Ganhou as ruas e edifícios da grande metrópole. Parece gostar de altura, brilho, luminosidade e alpinismo social. Porém eu, Tanakueka Fuja, sentia a terra se mover debaixo de meus pés a cada tsunami de amor por essa coisa. Diz chamar-se “loirinha carinhosa”. Não pode nascer pela manhã e morrer ao entardecer. Precisarás tomar forma, saber o que é noite. De preferência comigo, apesar de nossas classes sociais serem diferentes. Meu sonho não é com as glórias de Napoleão, mas ter sucesso com as mulheres. Creio que logo, logo, essa coisa aprenderá o código e a cerimônia dos grandes salões e do mundo da alta sociedade. Embora eu saiba que é quase impossível prever minhas próprias ações ou reações e as das outras pessoas também.

_Querido leitor, é certo que haverá imprevisibilidade em muitas ocasiões, apesar de nós planejarmos os pormenores do script e a rubrica vermelha das cenas. O comportamento individual e em sociedade está sempre em conflito. Aqui e ali caímos em contradição. Tanak poderia ter arranjado namoradas ou ficantes grátis, na sua empresa ou no seu meio de

convívio, mas preferiu buscar na internet uma “profissional”, a fim de evitar apegos românticos. Deu no que deu.

De gata borralheira, loirinha sem sobrenome, ela passou à cinderela Kelly Fuja. Roupas, sapatos e bolsas de grife. Novos hábitos, universidade, aulas de etiqueta, de gastronomia, de enologia, de fotografia, de tiros ao alvo. E viagens pelo mundo.

Não abria mais a porta do carro, nem puxava a cadeira para se sentar às refeições. Tudo era tarefa do cavaleiro recém-descoberto. Está com inveja, querida leitora?

Mas, como poetou Vinicius: “infinito enquanto dure”, no Soneto da Fidelidade, veio a oxidação. Com o tempo a química do casal degingolou. Entretanto Kelly, que não é boba nem nada, engravidou. Tem uma menina de um ano.

Continuo em diálogo direto, registrando tudo para vocês.

II

_ Eu pareço um paparazzo feminino, a grande irmã, atrás de você, Kelly, com o objetivo de conseguir um furo criativo para meu enredo literário.

_ Pois fique sabendo que, no meu caso, a realidade pode superar e muito a ficção. Logo no preâmbulo procurei um pai de santo. Não busquei orientação espiritual, amarração amorosa, descarrego, ou passe. Meu desejo era simular um acidente de carro com Tanakueka Fuja. Porém o guia tentou mandar minha energia negativa e o “prato que se come frio” para longe. Disse-me que a entidade superior não lhe permitiu a realização do trabalho solicitado. Respondi-lhe: A lentidão é erótica. Na união e na divisão das partes.

_ Vi quando Kelly seguiu para o interior com a babá e a filha. Ia visitar a mãe doente.

Seria a morte o ápice do prazer? perguntei-me. Uma intimidade desenfreada entre o casal poderia evoluir para a violência extrema? Eros, o deus do amor, ignora o bom senso. Vive em conflito com Tânatos, o deus da morte e da destruição. Kelly parece inventada, mas ela realmente existe, como Abe Sada (Eike Matsuda), de *Império dos sentidos*, filme baseado em fato real, de 1936.

Estava fazendo essas anotações na antessala do fantástico, quando percebi um vulto parecido com Tatsuya Fuja, irmão de Tanak, dizendo a ele:

_ Sua fixação por garotas “ficha rosa” da mulher escarlata, no casting de seleção, me preocupa. Sou seu irmão e seu amigo, Tanak. Essas borboletas são como as outras, quando lhes damos asas, voam e é difícil

segurá-las. Melhor deixá-las onde estão, arrastando no chão como larvas. Não lhes dê asas, nem carros. Não lhes faça seguro. Não lhes dê cursos de treinamento, nem armas. Difícil acreditar em regeneração. Você leu *Lucíola*, de José de Alencar, no 2º grau e deve se lembrar. Aquela idéia de aproveitar a vida, enquanto jovem, de dançar sobre a mesa, exibindo sensualidade com uma garrafa de campanha, pode voltar a qualquer hora. A sociedade dos grandes centros tem mil seduções que arrebatam uma provinciana com uma camélia vermelha nos cabelos, à moda de Juliana Paes, em *Gabriela*. Mas, como você sabe, ainda é difícil haver lugar relevante nessa mesma sociedade para gente malnascida. Não é preconceito, é realidade.

_Leitor, quis falar com Tatsuya, mas não vi ninguém. Então, apreensiva, me lembrei de minha avó, perto de 90 anos: mandava os bisnetos descerem dos galhos da mangueira, que era perigoso. Tinha criança nenhuma lá. Só mangas dependuradas. “Tu não me desmintas.” Estaria eu ficando demente também?

Um vento começa a soprar forte nesse momento. De verdade. E traz um bafo escuro e uma nuvem fétida do pó que vem do asfalto. Devo procurar refúgio em lugar seguro.

III

_Voltei do interior com minha filha e a babá. Tanak nos buscou no aeroporto e pegou conosco o elevador, alegre e sorridente. Pediu pizza por telefone e desceu para pegá-la, nervoso, chutando o invisível. Que teria acontecido? Não estava com saudades?

“Sorria você está sendo filmado” pelo grande irmão, pela grande irmã, a câmara.

Quando entrou de volta, puxei diálogo para chegar ao que me deixou de braços com Otelo:

Nessa última visita à minha mãe, o gatinho preto de minha irmã vinha todas as noites para minha cama e fazia enorme contraste com a pele alva de meu corpo. Pus-lhe uma gravata vermelha. Dilatava e reduzia as pupilas, conforme luz e sombra. Desembainhava e recolhia suas garras, fazendo-me carinho. Ronronando até que eu dormisse. Uma delícia!

_Comigo aconteceu diferente. Quando entrei no apartamento, agora, o porta-retrato com minha foto mais recente me assustou, ao cair da estante, sem motivo aparente. Não se quebrou, imagino. Dei aquele sorriso maroto de sempre e recoloquei-o no lugar, próximo aos livros sobre *Gestão de empresas familiares*, segundo orientação dos professores Pedro Zanni & Herbert Steinberg, da FGV. Vi que ultimamente deixei de lado essas leituras que deveriam ser minha “Bíblia” profissional.

_Você tem deixado de lado muita coisa importante. Eu, por exemplo. E tenho como provar. Nessa viagem, acompanhei você em tempo real, através do aplicativo MonitoraTanak, direto no meu iPhone. No hotel, no restaurante, você e sua “ficha rosa”. Paguei um detetive, não há como negar essa sua mania de trair. Primeiro pela internet e depois concretamente no corpo a corpo. Foi assim com sua primeira mulher, quando você me conheceu. Estou bebendo de meu próprio veneno; assistindo a um filme remasterizado, agora como protagonista, no papel de sua segunda esposa. Cada mulher tem seu mistério, seu modo pessoal de agir. Pode ser imprevisível, mas bate o chocalho antes. Eu não sou sua primeira esposa. Não é bom subestimar o ódio e a capacidade de vingança de uma mulher. Isso não vai terminar em pizza. Dias antes eu estive com um advogado de família, sei meus direitos e, agora, tenho as provas.

_Será que você tem essa coragem e essa força toda? Quem é você para ter a guarda de uma criança da família Fuja? Aliás, você voltará a não ter sobrenome, pois sua certidão de nascimento só tem nome de mãe. Seu lugar é no lixo de onde você veio.

_Quem vai para o lixo é você, pensei. E sem pressa. A lentidão é erótica. Na união e divisão das partes. Virei-me para a gaveta que estava às minhas costas e peguei a pistola 380. _Vou devolver o presente que você me deu. Pou!... De cima para baixo, na têmpora esquerda. Ninguém ouviu: janelas e portas antirruído.

Personagem-repórter, seus leitores ou espectadores sentirão o arrepio do horror cada vez que se lembrarem da história de Tanak e dessa “loirinha carinhosa”. Porque o melhor ainda está por vir.

IV

_Que importância teria, se a degola antecederesse o tiro? Ninguém viu nada mesmo. É a minha palavra contra essa câmara surrealista, que nem tudo capta.

A cabeça de Tanak eu a separei numa das vértebras acima da clavícula e abaixo do músculo escaleno dorsal (anterior). Nesse momento escorreram duas lágrimas de sua face. Pus a ponta do indicador na que veio do lado esquerdo e levei à boca. Tinha gosto do vinho Romannée-Conti de sua adega climatizada. O gosto daquele vinho que Lula tomou na vitória de 2002. Mas Tanak era discreto sob esse aspecto, como todo enófilo (Exceção feita a Maluf). Deixava que os vinhos falassem por ele. Então ouvi daquela boca, na cabeça decepada, uma voz, como a do tenor Alfredo (Roberto di Biasio) em *La Traviata*:

*Que o fugaz instante
prevaleça sobre a volúpia (...)
O poder de (seu) olhar penetrante
é apontado direto ao (seu) coração.*

Deve ser delírio meu, pensei. Nós (eu e Tanak) tínhamos ido recentemente (22 mar. 2012) na abertura da temporada lírica, no Teatro Municipal de São Paulo _ e assistido a essa ópera, baseada na *dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho.

Segui cirurgicamente, com mãos firmes e precisas. Porém sem pressa. A lentidão é erótica. Na união e na divisão das partes. Cada braço foi separado do omoplata e do acrômio. Serei recompensada: esses braços e essas mãos não bolinarão mais ninguém para as câmaras indiscretas filmarem.

Finalmente, as pernas com as coxas eu as separei, trazendo a cápsula articular coxo-femoral junto. Cortar o músculo grande glúteo deu muito trabalho. Tive que esmerilar a faca várias vezes. Serei recompensada: essas pernas não mais frequentarão hotéis e restaurantes caros em companhia “ficha rosa”, quando eu for visitar minha mãe doente. Quem mandou você deixar o calcanhar à mostra, Tanak? A serpente te pegou duplamente. Não seria melhor ter-lhe esmagado a cabeça, desde o início?

Detive-me bastante tempo observando e cheirando a região pélvica, tentando entender de onde vinha tanto apetite. Fiquei na dúvida: arranco isso também? Se arrancar, farei uma penectomia, como Abe Sada, em *Império dos sentidos*, entretanto iria além, retiraria o pênis com ambos os testículos. Que nome teria? Não estudei esse assunto atípico no meu curso de enfermagem. E tive piedade, não removi o troféu de seu prazer. Pode ser que mais tarde eu me arrependa desse minuto de fraqueza.

Foi nesse instante que saiu um pum pelo esfíncter externo do tronco restante e impregnou até o andar de cima da cobertura. Tinha cheiro de enxofre. O sopro da criação foi devolvido por via oposta. Espetei-lhe o diafragma. Como pode? Não me respeita nem depois de morto e esquartejado?

Fui interrompida pela soprano Violeta (Irina Dubrovskaya):

*O mundo é uma loucura
só o prazer conta(...)
o amor queima rapidamente(...)
Nunca foi para durar.*

Todos os pedaços de Tanak responderam: *A vida é celebração.
Deixe o novo dia nos encontrar no paraíso.*

Não, não estou com febre de uma tísica. Talvez eu seja uma catatímica delirante. Sinto-me calma, leve e sem culpa.

Depois que dei sumiço nos pedaços de Tanak, nas malas e na faca, caí morta de cansada na minha cama, imitação da Baldacchino Supreme. O espelho estava na minha frente. Apesar de... consegui me reconhecer de corpo inteiro. Linda, maravilhosa, pronta para ir ao shopping com aquele cartão poderoso. Acordei! Dirigi-me ao espelho real do closet. E o que vi contornando minha imagem? Os seis pedaços de Tanak, todos com óculos, rindo para mim e me dizendo que a mesa estava posta com sete talheres e uma “Love pizza girl”. Pelo amor de Deus! Quero dormir de novo.

* * *

_ Você, que leu meu enredo literário, não participou de um esquiteamento físico. Mas da fragmentação, do retalhamento de uma alma. Poderá identificar-se com essa alma e com o apodrecimento do cosmo em cada um de nós, porque:

O negro engoliu o vermelho.

Goiânia, maio/2012
www.erciliamacedo.com.br